

GARCÍA HURTADO, Manuel-Reyes (ed.) (2019). *Soltando amar-ras. La costa noratlántica ibérica en la Edad Moderna*. Coruña: Universidade da Coruña, 2019, 398 pp., ISBN 978-84-9749-750-3.

Centésima sexagésima segunda publicação da secção de monografias do serviço de publicações da Universidade da Corunha, este livro de edição coletiva é composto por 13 textos, redigidos maioritariamente por investigadores espanhóis, professores e doutorandos em diversas universidades europeias, com a colaboração de dois portugueses, docentes na Universidade do Porto. Ainda que a introdução o não explicita, a obra reúne o conjunto das comunicações apresentadas ao colóquio internacional realizado, com título semelhante, na Universidade da Corunha, entre os dias 30 de maio e 1 de junho de 2018. Foi organizado, este evento, no âmbito do projeto com a referência HAR2015-64014-C3-2-R, intitulado “Culturas urbanas: Dinámicas en ciudades y villas del litoral noroccidental ibérico”, financiado pelo Ministerio de Economía y Competitividad do governo de Espanha.

O principal objetivo deste livro é compreender as dinâmicas socioeconómicas da costa noroeste da Península Ibérica, desde a foz do Douro às Astúrias. Na resenha historiográfica exarada na introdução, o editor defende a necessidade de esmiuçar os contactos e os intercâmbios que em tempo de guerra ou em períodos de maior acalmia as comunidades, designadamente portuguesas e galegas, estabeleceram entre si. Não apenas através de relações comerciais, como também do corso e do contrabando, assuntos tão pertinentes quanto inexplorados. Se é verdade que a história marítima é parte inerente da identidade da Galiza, não menos verdade é que a identidade de Portugal tem ligação umbilical ao mar. Daí que talvez seja exagerada a propensão avassaladora do livro para o estudo das vilas e cidades do litoral galego, o que se perceberá melhor ao sobrevoar de forma sinóptica os vários textos que o compõem.

Apoiada nas descrições de roteiros, instruções náuticas e croquis legados por diversos cartógrafos e hidrógrafos, Olivier Chaline oferece uma abordagem sobre como os marinheiros do norte viam as costas da Galiza, salientando a importância conferida aos cabos Ortegal e Finisterra, especialmente relevantes em tempo de guerra, ora servindo como pontos de apoio, ora encarados como posições a bloquear ou atacar.

Segue-se o estudo de Paz Romero Portilla sobre o período áureo do porto da Corunha, a Idade Média. A partir de um vasto espólio de fontes primárias, depositadas em diversos arquivos, explica a importância do sal na dinamização económica do porto e cidade da Corunha, importante entreposto de carga e

descarga de mercadorias transacionáveis provenientes de vários territórios europeus, e cidade conectada às principais zonas do comércio internacional. Elucida o processo de monopolização régia dos direitos das salinas; analisa os privilégios e franquias concedidos às cidades galegas que estavam obrigadas a importar sal de Portugal; e examina a importância económica da chegada de navios de peregrinos à Corunha com destino a Santiago de Compostela.

O sal é também o tema do texto de Inês Amorim, reputada especialista no tema, que aqui estuda de que forma as relações transfronteiriças do noroeste peninsular ibérico condicionaram e foram condicionadas pelo comércio do sal aveirense, no período compreendido entre 1692 e 1714. Num primeiro momento esclarece como foi difícil estabelecer e normalizar os processos de medição do sal e explicita os factores que influíam na organização dos seus circuitos comerciais a partir da zona produtora aveirense. Num segundo momento analisa as rotas, agentes e volumes de sal saído do porto de Aveiro, medindo os impactos das convulsões políticas no âmbito da geografia das relações comerciais. Conclui que o porto de Aveiro era bastante dinâmico; dele saíam mais embarcações do que entravam; o sal, produto dominador dos circuitos, era alvo de rigoroso controlo administrativo, fiscal e alfandegário; e existia equilíbrio entre a quantidade do mineral que era transportada para portos portugueses e estrangeiros, notando-se, entre estes, o noroeste espanhol como destino preferencial.

Segue-se o estudo de Tomás Mantecón Movellán sobre o contrabando de moeda e metais preciosos durante a centúria de Seiscentos, período de agonia económica para os territórios espanhóis. Conhecido especialista no estudo da criminalidade nas cidades da Europa Atlântica, o autor proporciona ao leitor uma análise do contrabando respaldado nos agentes da governança; a envolvimento na atividade contrabandista por parte dos agentes encarregados de velar ou custodiar a licitude das transações e mercancias; os agentes do tráfico ilegal; as relações de dependência criadas pelos vários protagonistas de negócios ilícitos e as penas impostas pelos tribunais seculares aos que caíam nas malhas da justiça. Demonstra-se, de forma segura, que no negócio o interesse se sobrepuja à lei. Mais forte nas áreas portuárias e nas zonas de fronteira, este contrabando tanto era reprimido como social e institucionalmente tolerado, enquistando-se e fazendo-se enquistar em redes interpessoais complexas permeadas por interesses e interdependências.

As capitánias dos portos marítimos do norte peninsular é o tema subsequente. Marta Garralón empreende uma análise acerca de como elas apareceram em 1793, concebidas pela Secretaria da Marinha para a rede de portos da Monarquia hispânica, e como uma nova reforma, adotada em 1820, as

extinguiu. Na explicação para este ímpeto criativo, a autora realça as estratégias de colaboração entre instituições e profissionais do mar e a implementação de políticas centralizadoras que visavam uma administração mais racional, ordenada, homogênea e eficaz.

O livro prossegue com o texto de Pablo de la Fuente de Pablo, sobre a construção naval na Galiza em meados do século XVIII. O autor estuda a expansão industrial ferrolana, inserindo-a no contexto do aumento exponencial de importações de equipamentos navais do Báltico por parte da Marinha espanhola. Conclui que em Ferrol a construção de navios era muito significativa e que o abastecimento de madeira se deveu à capacidade de penetração dos agentes espanhóis nas redes comerciais holandesas. A criação de um consulado espanhol em Gdańsk foi decisiva para esse desfecho.

Seguidamente José Manuel Lijó procura captar a evolução da comunidade piscatória do Porto do Son no século XVIII, sobretudo a partir do momento em que incorporando boa parte dos fregueses da paróquia se constituiu como grémio ou corporação de mareantes. A dinâmica que aqui se estuda é a criação desta agremiação como forma de ação coletiva e resistência a conflitos surgidos em torno de limites geográfico-territoriais, questões de precedência em celebrações religiosas, ações de restauro da doca, realização de feiras e situações fiscais.

Por seu turno, tomando como exemplo os portos pesqueiros asturianos de Cudillero e Lastres, Manuel-Reyes Hurtado reconstitui as peripécias burocráticas e a complexidade do contexto em que surgiram os projetos de engenharia hidráulica aí levados a cabo, durante o século XVIII, para restauro das docas. Dá nota dos problemas e obstáculos enfrentados e a dinâmica das populações em busca de auxílio junto das autoridades. O que aqui se conclui é que, durante a Época Moderna, devido à burocracia, ao desinteresse modernizador da Coroa e à sua incapacidade de gestão, a estrutura portuária manteve-se estável, embora em situação de precariedade e vulnerabilidade ao nível defensivo.

Proteção e defesa também se faziam através de políticas de corso, como elucida o texto de Jorge Ribeiro. Detendo-se nos navios que zarpavam rumo à costa portuguesa com o objetivo de dar caça aos piratas e/ou navios mercantes inimigos, o autor reconstitui com foco incisivo o âmbito e estratégias de atuação da atividade corsária galega nas zonas de fronteira durante o século XIX, que eram viabilizadas, sobretudo, pela cumplicidade das populações portuguesas, uma espécie de prolongamento das atividades de contrabando.

O livro também explora temas religiosos. Anxo Lemos examina a devoção marcadamente mariana das gentes do mar nos santuários da Galiza barroca, ao passo que Pablo Bello averigua a importância dos cerimoniais públicos no período compreendido entre o último terço do século XVII e os finais do

século seguinte. De acordo com o primeiro, as práticas devocionais fizeram proliferar objetos de arte popular como os ex-votos que, associados à crença em aparições e milagres, fizeram aparecer novos lugares de culto. Para o segundo, as manifestações socioculturais mais importantes da religiosidade e imaginário populares da Galiza moderna, como a festa, a cerimónia e a liturgia, foram transcendendo o carácter estético, lúdico e solene para se conformarem numa pedagogia de doutrinação e disciplinamento. Um figurino assumido sobretudo pelas procissões que a Venerável Ordem Terceira da Penitência levava a efeito em várias urbes marítimas.

Álvaro Sancho é autor do penúltimo contributo do livro. Aí se analisa a evolução do “despacho de veredas”, sistema de comunicação com raízes medievais que consistia em fazer circular disposições oficiais através de um mensageiro particular que, calcorreando os diversos territórios, as publicava oralmente perante as autoridades locais e/ou vizinhos. Essencial para a ação de governo, assumiu características próprias na Galiza e vigorou até em 20 de abril de 1833, altura em que apareceram os boletins de província.

A obra encerra com o estudo de Ofélia Castelao e Iago Táboas sobre o sistema de apadrinhamento na Corunha durante os séculos XVIII e XIX. Através de dados estatísticos construídos a partir de fontes seriais, demonstra-se a heterogeneidade da população da Corunha. A maioria dos indivíduos que residia na cidade não era daí natural e parte importante não provinha sequer da Galiza. Os autores destacam a abundância de pessoal ligado aos correios marítimos e ao exército, cuja condição forânea e residência temporária não raro os levava a procurar padrinhos para os seus descendentes fora do círculo familiar.

O que se propõe, em suma, com este livro, é a elaboração de uma história marítima concebida fora do jargão tradicional, isto é, preocupada com abordagens que extravasam o campo militar da história naval e dos descobrimentos geográficos, estendendo-se por outros horizontes temáticos como as atividades económicas, as mentalidades, a história urbana, a história cultural e a história social. Neste sentido, ao considerar que o mar determinou as circunstâncias de vida, influiu no desenvolvimento económico e demográfico, influenciou a administração burocrática e militar, e possibilitou o desenvolvimento industrial das comunidades costeiras, esta obra assume-se como uma renovação da historiografia.

Evidentemente que os livros coletivos têm os seus fios condutores, implicam opções metodológicas, temáticas e cronológicas, deixando, quase sempre, campos a descoberto. Salientam-se os seguintes: no âmbito da história religiosa, o estudo do impacto das instituições de vigilância e disciplinamento no tráfego marítimo realizado entre os territórios galegos e portugueses; no domínio da

história dos impérios, a investigação sobre a intensidade dos contactos entre a Galiza e os territórios não europeus; e no campo da história cultural, a análise do impacto social do trânsito de galegos para Portugal e de portugueses para a Galiza.

O livro evidencia critérios de arrumação temática e cronológica, detetando-se uma lógica na narrativa. Nota-se, contudo, que a contribuição de Mantecón Movellán, apesar de cientificamente relevante encontra-se deslocada, já que, muito embora sugira, pelo título, uma abordagem genérica, incidente sobre a totalidade do espaço espanhol, foca-se sobretudo em Sevilha, território bem a jusante da costa norte-atlântica ibérica que é escopo geográfico-temático do livro.

Percebe-se, também, um cuidado de uniformização na estrutura e na forma dos textos. Apenas um deles, o redigido por José Lijó, ao não apresentar conclusão, parece ter escapado a esse controlo, ao que acresce o de Manuel-Reyes Hurtado se afastar também, pela sua prolixidade (totaliza 64 páginas), do padrão adotado pelos demais. É de salientar ainda, do ponto de vista formal, a padronização dos critérios de citação nas referências a fontes e bibliografia, constituindo exceção o facto de algumas das longas citações presentes no estudo de Manuel-Reyes Hurtado não estarem acompanhadas pela competente remissão à fonte.

Deteta-se, por fim, um compreensível desequilíbrio no tipo de abordagens, já que o serem mais iniciáticas, ou resultantes de pesquisas mais consolidadas, é reflexo das distintas fases em que se encontram as carreiras dos autores.

Dir-se-á, a terminar, que o livro tanto percorre trilhos já conhecidos como outros ignorados. Apresenta contributos descritivos mas também problematizadores. É diverso nas perspetivas como nas abordagens. Um conjunto de narrativas, em suma, com afinidades temáticas que conferem ao leitor a possibilidade de aprofundar o seu conhecimento acerca da história da relação que as comunidades costeiras do norte peninsular desenvolveram com o mar, uma das suas matrizes culturais, porventura a mais forte. Nesse sentido é um estudo coletivo que, ao “soltar amarras”, faz bem jus ao título.

JAIME RICARDO GOUVEIA

U. Coimbra, CHSC

jaim.ricardo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2435-7384>